



## **O PAPEL DAS MULHERES NEGRAS NA COMPOSIÇÃO DE MÚSICAS NO DISTRITO FEDERAL**

Morganna Carvalho Passos

*Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares na Universidade de Brasília (CEAM/UnB).*

Email: morganna.passos18@hotmail.com

Olga Maria Boschi Aguiar de Oliveira

*Professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-doutorado em Direito do Trabalho e Previdência Social pela Universidade de Málaga (Espanha). Doutorado em Direito Social pela Universidade Nacional Autónoma de México.*

*Professora colaboradora no PPGDH da Universidade de Brasília (UnB). Email: olgaoliveiralagoa@gmail.com*

## RESUMO

O objeto da pesquisa é investigar como a intersecção entre gênero, raça e classe se entrelaça de forma complexa e interfere na composição musical de mulheres negras compositoras do Distrito Federal, envolvendo a escrita como uma forma de resistência. O objetivo é analisar de que maneira esses marcadores sociais se manifestam nas letras, sonoridades e discursos presentes em suas obras, uma vez que a música é uma estratégia poderosa para denunciar o racismo, o patriarcado e as desigualdades sociais. Além disso, as mulheres negras no geral têm suas narrativas silenciadas, são frequentemente estigmatizadas, e como lembra Angela Davis nos colocam na base da pirâmide social. Parte-se da hipótese da necessidade de que as experiências das mulheres negras compositoras do Distrito Federal estão atravessadas por marcadores interseccionais, que se manifestam como formas de resistência contra discriminações e desigualdades. Nesse sentido, suas composições revelam-se como espaços de enunciação sobre opressões, lutas e desafios, e ao mesmo tempo em que afirmam identidades e produzem narrativas de empoderamento e pertencimento. No que se refere à metodologia, propõe-se a realização de entrevistas com seis interlocutoras, mulheres negras compositoras brasileiras, e, a partir dessas entrevistas, a análise de seis músicas compostas por elas, com o intuito de compreender como a interseccionalidade atravessa suas vivências e produções musicais.

**Palavras-chave:** Mulheres negras, interseccionalidade, compositoras

## ABSTRACT

The purpose of this research is to investigate how the intersection between gender, race, and class is intricately intertwined and influences the musical compositions of black female composers in the Federal District, involving writing as a form of resistance. The goal is to analyze how these social markers manifest themselves in the lyrics, sounds, and discourses present in their works, since music is a powerful strategy for denouncing racism, patriarchy, and social inequalities. In addition, black women in general have their narratives silenced, are often stigmatized, and, as Angela Davis reminds us, are placed at the bottom of the social pyramid. The starting point is the hypothesis that the experiences of black women composers in the Federal District are intersected by markers that manifest themselves as forms of resistance against discrimination and inequality. In this sense, their compositions reveal themselves as spaces for expressing oppression, struggles, and challenges, while at the same time affirming identities and producing narratives of empowerment and belonging. In terms of methodology, we propose conducting interviews with six interlocutors, black female composers from Brasília, and, based on these interviews, analyzing six songs composed by them, with the aim of understanding how intersectionality permeates their experiences and musical productions.

Keywords: Black women, intersectionality, Federal District

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo discutir o papel das mulheres negras na composição musical no Distrito Federal, evidenciando a relevância de suas produções artísticas e as formas pelas quais suas experiências interseccionais se expressam nas obras que criam. Logo, debater, pensar, registrar sobre a vida, a experiência, a história e produção das mulheres negras é um ato político e intelectual, já que há muitos estereótipos racistas e sexistas usados para justificar a opressão contra elas. É importante frisar que as mulheres negras são diversas e não podem ser reduzidas a rótulos, assim, há mulheres que desafiam essas expectativas e constroem seus próprios caminhos, identidades e formas de existência. Há um trecho de uma música chamada "Deixa a senzala" composta por Luccas Soares<sup>1</sup> que trata desse processo de libertação e empoderamento das mulheres negras.

*"Preta, sai da senzala, a voz que fala pertence a você / Preta, quebra a corrente, a gente é gente, igual a você / Preta, não é castigo, nem apelido, é o poder."*

A população brasileira é majoritariamente feminina e negra. De acordo com o Centro de Estudos e Dados sobre Desigualdades Raciais (CEDRA), com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2012 e 2023, as mulheres negras correspondiam a 27,8% do total da população, enquanto os homens negros representavam 27,4%. Já as mulheres brancas somavam 22,8% e os homens brancos, 21,1% (Alves, 2025).

No entanto, as mulheres negras são o grupo que mais sofre com os efeitos das desigualdades sociais acarretando em invisibilização, estereótipos, discriminações, piores indicadores socioeconômicos e conseqüentemente maiores barreiras para acesso a espaços de poder. Inclusive, essa invisibilização acontece dentro da esfera cultural como a composição musical. Pilar (2010, p.8-9) comenta a pouca visibilidade da participação feminina no mundo profissional da música. "[...] a pouca inserção das mulheres na profissão de musicistas, seja como intérpretes, regentes, compositoras ou como propagadoras da música."

Ainda conforme uma pesquisa feita nos Estados Unidos chamada "Inclusion in the Recording Studio?" Gender & Race/Ethnicity of Artists, Songwriters & Producers across 1,200 Popular Songs from 2012 to 2023<sup>2</sup> publicado em janeiro de 2024 mostra que as mulheres representaram 37,7% dos artistas na parada Hot 100 (parada musical semanal que classifica as 100 músicas mais populares nos Estados Unidos) no de 2024, sendo 18,9% creditadas de forma solo como compositoras das canções. O Relatório mostra ainda que há disparidade de gênero entre homens e mulheres na categoria, uma vez que 80% ainda são créditos de compositores homens. Em relação às mulheres pretas, pelo menos 55 foram creditadas como compositoras em 2023, contra 14 em 2012.

---

<sup>1</sup> Matéria Instituto Anelo lança música dedicada às mulheres pretas. Link: <https://anelo.org.br/instituto-anelo-lanca-musica-dedicada-as-mulheres-pretas/#>. Acesso em: 21 nov. 2025.

<sup>2</sup> Pesquisa "Inclusion in the Recording Studio?" Gender & Race/Ethnicity of Artists, Songwriters & Producers across 1,200 Popular Songs from 2012 to 2023. Link: <https://assets.uscannenberg.org/docs/aii-inclusion-recording-studio-20240130.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2025.

A escrita, por meio da música, é um movimento de resistência das compositoras negras brasileiras, pois elas sabem os desafios que enfrentam pelo simples fato de serem mulheres negras e artistas. A autora Grada Kilomba lembra que escrever é um ato de rompimento com um corpo que não nasceu para produzir conhecimento, que está fora do lugar.

“[...] Então, porque escrevo?  
Escrevo quase como uma obrigação,  
Para me encontrar.  
Enquanto escrevo eu não sou o “outro”,  
Mas o eu, não o “objeto”, mas o sujeito,  
Eu me torno aquela que descreve e não a descrita,  
Eu me torno a autora e autoridade da minha própria história,  
Eu me torno a oposição absoluta ao que o projeto colonial predetermina,  
Eu retorno a mim mesma,  
Eu me torno”.

Grada Kilomba (2015, p.27)

Nesse sentido, busca-se com o trabalho contribuir para o reconhecimento de suas vozes e para o fortalecimento de perspectivas que valorizem a diversidade e complexidade da cena musical do Distrito Federal. Assim, suas músicas trazem suas memórias, experiências com o racismo e sexismo, geralmente vivenciadas desde a infância, e suas composições retratam suas lutas e desafios.

No que se refere à metodologia, propõe-se a realização de entrevistas com seis interlocutoras — mulheres negras compositoras atuantes no Distrito Federal — como forma de compreender suas vivências, trajetórias e percepções acerca do fazer musical. A pesquisa está em andamento, portanto, a seleção e o contato com as compositoras para a participação das entrevistas e análise das músicas ainda está sendo realizado. A partir dessas entrevistas, serão selecionadas e analisadas seis composições produzidas por elas, permitindo investigar de que maneira elementos de raça, gênero, classe e território atravessam tanto suas experiências pessoais quanto suas práticas artísticas. A articulação entre relato biográfico, produção musical e referencial teórico sobre interseccionalidade fundamenta o percurso analítico adotado.

O trabalho organiza-se do seguinte modo: começando pela Introdução, seguida de uma breve revisão teórica sobre interseccionalidade, as mulheres negras na composição musical, que historicamente privilegia figuras masculinas e brancas, considerando as especificidades culturais e sociais do Distrito Federal. Depois, descreve-se a conexão entre o resultado das entrevistas realizadas com as compositoras, a interseccionalidade adotada como revisão teórica, a crítica sobre aos padrões históricos da música brasileira, considerando o contexto do Distrito Federal e por fim, as possíveis conclusões extraídas do estudo em análise.

## **Fundamentação Teórica**

A compreensão do papel das mulheres negras na composição musical requer uma abordagem que considere simultaneamente os marcadores de raça, gênero, classe e território. Nesse sentido, o conceito de interseccionalidade, formulado por Kimberlé Crenshaw, constitui uma ferramenta analítica central para explicar como diferentes sistemas de opressão se articulam e produzem formas específicas de invisibilização. Trata-se de camadas que se fundem, de interseccionalidade na reprodução das desigualdades que, segundo Crenshaw:

[...] é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (Crenshaw, 2002, p.177)

É preciso mencionar que, no contexto brasileiro, a perspectiva interseccional foi questionada pela ativista e intelectual Lélia Gonzalez, que foi pioneira ao questionar o feminismo hegemônico no Brasil, que negligenciava as demandas de mulheres afrodescendentes. Para ela, as desigualdades vividas por mulheres negras não podem ser entendidas apenas a partir da condição de gênero. A sobreposição das opressões de raça e classe configura um lugar específico de exclusão, que exige um olhar interseccional. Ela ainda reforça os estereótipos sobre as mulheres negras provocados pelo racismo “[...] O racismo articulado com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em que é colocado no papel de mulata, doméstica e mãe-preta.” O uso dos estereótipos é prejudicial e traz à tona os impactos negativos da desigualdade racial na sociedade, mas ele é alimentado para legitimar a “superioridade” dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos conforme salienta Saffiotti (1987, p.11).

No campo da música brasileira, esses mecanismos se expressam na histórica predominância de figuras masculinas e brancas nos espaços de criação, legitimação e registro das obras conforme relata Feijó (2022, p. 49) “[...] A música não escapa do estereótipo do homem branco.” Ele ainda acrescenta que “[...] O ecossistema da música reflete uma realidade construída na base da exclusão e da opressão.” (2022, p.45), ao passo que as contribuições de mulheres negras permanecem marginalizadas, silenciadas ou atribuídas a outras vozes. Angela Davis (2017, p.167) afirma que a música também pode ser relacionada a ideia de resistência, ao dizer que “[...] o povo negro foi capaz de de criar com sua música uma comunidade estética de resistência que, por sua vez, encorajou e nutriu uma comunidade política de luta ativa pela liberdade.” Sabe-se que, para a mulher, é difícil ganhar espaço e respeito, especialmente quando se fala em uma indústria predominada por homens, como acontece no ramo musical. Ao longo dos anos, as mulheres negras vêm lutando contra a opressão de gênero, raça e classe.

A partir dessa concepção, torna-se necessário problematizar a forma como a música, enquanto prática cultural e campo institucionalizado, reflete e reproduz desigualdades estruturais. A presença reduzida de mulheres negras entre compositoras reconhecidas não se configura como ausência de produção, mas sim como resultado das barreiras sociais, raciais e simbólicas que moldam o acesso a oportunidades, formação, circulação e reconhecimento artístico. No livro *Catálogo de cantoras negras brasileiras*, de Luciana Oliveira, a autora apresenta um panorama sobre a história e a carreira da cantora capixaba Anastácia Santana Monteiro. Ela aborda o dilema enfrentado pela artista ao decidir gravar seu primeiro álbum solo: apesar de possuir muitas referências musicais e receber diversas composições, nenhuma refletia sua identidade. Dessa forma, surgiu o desejo de compor, o que a levou à descoberta de sua própria voz artística. Como ela relata: “[...] foi uma alegria eu entender que eu podia escrever uma música, com as minhas histórias.” (Oliveira, 2025, p. 60-61). Assim, analisar a composição musical sob uma lente interseccional permite identificar os múltiplos fatores que limitam ou potencializam a atuação dessas mulheres.

No cenário do Distrito Federal, essas dinâmicas ganham contornos particulares. Por um lado, Brasília é frequentemente celebrada como centro político e cultural; por outro, abriga profundas desigualdades territoriais, marcadas pela divisão entre o Plano Piloto e as Regiões Administrativas periféricas. Essa configuração influencia diretamente as trajetórias de artistas negras, que encontram tanto desafios estruturais, como a concentração de equipamentos culturais e recursos, quanto potentes redes comunitárias de criação, especialmente vinculadas ao *hip-hop*, ao samba, às culturas periféricas e aos movimentos de resistência

negra. Nesse contexto, a postura de levantar essa discussão gera “[...] Pensar novas epistemologias, discutir lugares sociais e romper com uma visão única não é imposição, é busca por coexistência. Ao quebrar a máscara, estamos atrás de novas formas de sociabilidade que não sejam pautadas pela opressão de um grupo sobre o outro.” ressalta Ribeiro (2018, p.18).

Portanto, compreender o papel das mulheres negras na composição musical do Distrito Federal exige situá-las no cruzamento entre estruturas de desigualdade e práticas culturais de afirmação identitária, já que a presença da mulher negra na música contemporânea, independentemente do gênero musical, tem sido cada vez mais assertiva, com artistas quebrando barreiras e se tornando voz ativa nas discussões sobre racismo, feminismo e igualdade.

Desse modo, esta fundamentação teórica articula a interseccionalidade, a história da participação de mulheres negras na música brasileira e as especificidades socioculturais do Distrito Federal, oferecendo o suporte necessário para analisar como essas artistas produzem, resistem e reconfiguram os espaços de criação musical na capital do país.

### **Desenvolvimento do tema**

O presente estudo propõe-se a examinar a presença, a atuação e as contribuições de mulheres negras compositoras no cenário musical do Distrito Federal, lançando mão de uma perspectiva interdisciplinar que articula música, estudos de gênero, raça e território. A pesquisa, ainda em andamento, estrutura-se em uma metodologia qualitativa que prevê a realização de entrevistas com seis compositoras negras brasilienses, bem como a análise de seis composições autorais produzidas por elas. A partir dessa trajetória metodológica, busca-se compreender de que maneira a interseccionalidade – entendida como ferramenta analítica capaz de revelar as múltiplas dimensões de opressão e resistência – atravessa suas vivências pessoais, suas práticas criativas e sua inserção no campo musical.

O processo de construção do estudo foi delineado em etapas encadeadas. A primeira consistiu na revisão teórica, na qual se buscou aprofundar o conceito de interseccionalidade a partir de autoras como Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins e Carla Akotirene e dentro do contexto brasileiro a ativista e intelectual Lélia Gonzalez, destacando a necessidade de reconhecer que as experiências das mulheres negras não podem ser compreendidas isolando raça, gênero ou classe. Essa base teórica orientou a elaboração do roteiro de entrevistas e o olhar analítico que será aplicado às músicas selecionadas. A segunda etapa, atualmente em execução, refere-se ao contato e à seleção das compositoras participantes. Nesta fase, procura-se identificar mulheres que atuam em diferentes circuitos do Distrito Federal (do cenário independente às manifestações comunitárias e periféricas), assegurando diversidade estética e de trajetórias. A etapa subsequente, que se concretizará após a finalização da seleção, será a condução das entrevistas semiestruturadas e a análise de conteúdo das narrativas produzidas pelas interlocutoras, articulada à análise musical das composições escolhidas.

Desse modo, as entrevistas pretendem revelar experiências singulares ligadas à formação musical, aos desafios enfrentados no mercado e às estratégias de resistência e criação. Esses relatos, quando cruzados com as reflexões teóricas interseccionais, permitem compreender como o racismo estrutural, o sexismo e as desigualdades territoriais moldam não apenas os caminhos profissionais das compositoras, mas também suas escolhas estéticas, narrativas e sonoras. Ao mesmo tempo, a análise das músicas amplia essa compreensão ao mostrar como

tais atravessamentos se expressam artisticamente, seja por meio de letras que denunciam desigualdades, de arranjos que dialogam com tradições musicais negras, ou de experimentações que tensionam padrões estéticos historicamente legitimados pela música brasileira. Dito isso, a música segue sendo um espaço de expressão das subjetividades, de afirmação identitária e de comunicação. Para a comunidade negra, além de sua estética própria, ela continua funcionando como um forte instrumento de luta, resistência e denúncia das diversas opressões

Nesse ponto, o estudo também se propõe a realizar uma crítica aos padrões históricos de produção musical no Brasil, marcados pela centralidade de homens, majoritariamente brancos, em posições de prestígio, consagração e circulação. Embora mulheres negras tenham desempenhado papéis fundamentais na constituição da musicalidade brasileira – seja no samba, no choro, no forró ou nas manifestações afrodiáspóricas, sua visibilidade esteve frequentemente limitada. É crucial citar que a mulher negra na música, tem sido fundamental na construção da identidade cultural do Brasil, tendo um papel de contestação, resistência e de transformação social. Sua luta por espaço na indústria musical é também uma luta por reconhecimento, igualdade e pelo fim das opressões que atravessam sua existência.

Ao concentrar-se especificamente no Distrito Federal, o estudo busca ampliar essa crítica ao incorporar o caráter peculiar dessa região, cuja formação sociocultural é marcada por fluxos migratórios, pela convivência entre diversidade regional e desigualdades estruturais, e por um cenário musical que se desenvolve de maneira descentralizada entre o Plano Piloto e as regiões administrativas. Assim, a pesquisa evidencia como o Distrito Federal constitui um espaço fértil de criação, mas também permeado por barreiras simbólicas e materiais que afetam especialmente mulheres negras compositoras.

A interdisciplinaridade que orienta a pesquisa permite, portanto, articular dimensões históricas, culturais, sociais e estéticas, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do papel dessas mulheres na cena musical brasiliense. Resumindo, o presente trabalho se destaca por apresentar uma contribuição inovadora ao conectar empiricamente entrevistas e análises musicais à perspectiva teórica da interseccionalidade, oferecendo fundamentos para uma crítica mais profunda sobre os padrões históricos da música brasileira e sobre a urgência de ampliar a visibilidade das mulheres negras compositoras. Ainda que em fase de construção, a pesquisa aponta para a consolidação de um campo de estudo que valoriza vozes marginalizadas e busca contribuir para o reconhecimento da centralidade dessas mulheres na produção musical do Distrito Federal.

### **Considerações Finais**

Até o presente momento, esta pesquisa encontra-se em fase de andamento, especialmente no que se refere ao contato e à seleção das seis compositoras negras brasilienses que comporão o conjunto de interlocutoras do estudo. Consequentemente, a análise das músicas produzidas por elas ainda não pôde ser realizada. No entanto, mesmo neste estágio preliminar, algumas reflexões importantes podem ser destacadas.

Primeiramente, o levantamento bibliográfico e teórico já evidencia a centralidade da interseccionalidade como ferramenta analítica para compreender as trajetórias musicais de mulheres negras. Autoras como Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins e Lélia Gonzalez demonstram como gênero, raça e classe operam conjuntamente na construção das experiências sociais — perspectiva que mostra ser fundamental para examinar práticas de criação musical no Distrito Federal, um território marcado por uma rica diversidade estética.

Além disso, a revisão de trabalhos sobre música e racismo no Brasil indica que, ao longo da história, mulheres negras têm desempenhado papéis essenciais na manutenção, reinvenção e propagação de expressões musicais, ainda que frequentemente invisibilizadas por estruturas de poder que colocam as mulheres em posições de subalternidade. Essa invisibilização não é apenas uma questão de falta de reconhecimento artístico, mas é reflexo de um racismo estrutural que atravessa todas as esferas da sociedade brasileira. Assim, a escolha metodológica de entrevistar as compositoras negras brasileiras se mostra pertinente, a fim de romper com essa invisibilização e construir conhecimento de forma situada e comprometida com a realidade das próprias participantes.

A etapa de preparação das entrevistas permitiu identificar que a abordagem qualitativa, ao privilegiar processos criativos, memórias e percepções das próprias artistas, será fundamental para compreender como a interseccionalidade atravessa suas práticas, influenciando temas e estéticas. Da mesma forma, a posterior análise das músicas, articulada às narrativas das compositoras, possibilitará observar como questões raciais, de gênero, territoriais e afetivas são incorporadas às composições, seja por meio das letras, ritmos, referências culturais ou escolhas performáticas.

Assim, embora ainda não tenha sido iniciada a etapa empírica junto às interlocutoras, este percurso inicial reforça a relevância social, política e cultural da pesquisa. Ao centralizar mulheres negras do Distrito Federal como protagonistas e produtoras de conhecimento, o estudo contribui para ampliar a compreensão do cenário musical brasileiro e também para valorizar linguagens artísticas construídas a partir de experiências marcadas pela resistência, criatividade e afirmação identitária.

## Referências

ALVES, Ana Clara. **Pessoas negras são maioria no país, mas proporção cai na faixa etária acima dos 60 anos**, 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/03/22/pessoas-negras-sao-maioria-no-pais-mas-proporcao-cai-na-faixa-etaria-acima-dos-60-anos.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Em Revista de Estudos Feministas, ano 10, 2002. Florianópolis: UFSC.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

FEIJÓ, Léo. **Diversidade na Indústria da Música no Brasil: um olhar sobre a diversidade étnica e de gênero nas empresas da música**. São Paulo: Editora Dialética, 2022. 128p

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1983.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RIBEIRO, Djamilá. **Quem tem medo do feminismo negro?**São Paulo: Companhia das letras, 2018.

OLIVEIRA, Luciana. **Catálogo de cantoras negras brasileiras**. São Paulo: Dandara, 2025.

RAMOS, Pilar. **Luces y sombras en los estudios sobre las mujeres y la música**.Revista Musical Chilena (Santiago / Chile), N° 213, 7-25, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.